

SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

estudo de estabilização e conservação das ruínas da igreja

FERNANDO MACHADO LEAL*



Fachada das ruínas da igreja de São Miguel das Missões; como estava o monumento, antes das obras atuais, iniciadas em outubro de 1982.

Os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, cujas ruínas estão localizadas na região missioneira do Rio Grande do Sul, foram instalados, atingiram o apogeu e sua decadência teve início ao tempo em que este trecho do nosso território era parte integrante da América Espanhola. Constituem o conjunto de arqueologia histórica mais importante em terras brasileiras, e entre elas sobressaem os remanescentes do antigo Povo de São Miguel, de ruínas imponentes.

Os restos arqueológicos dos Sete Povos fazem parte do acervo legado pela Companhia de Jesus na Governança do Paraguai, cuja jurisdição se estendia pelo Uruguai, Paraguai, grande parte da Argentina, do Brasil e da Bolívia, assim perdurando até que, no séc. XVIII, novo Tratado de Limites modificasse o de Tordesilhas. Nesta extensão territorial tão vasta distinguem-se três grandes regiões que foram palco da atuação dos jesuítas em terras de Espanha: Tape, Guairá e Itatim.

A região do Tape, que deve seu nome aos índios tapes, compreendia o território missioneiro do Rio Grande do Sul, prolongando-se na Argentina até a Província de Misiones. A região do Guairá compreendia grande parte do estado do Paraná, no Brasil, e a do Itatim, situada entre o alto Paraguai e as serras, vale dizer, ao norte da cidade de Concepcion, se prolongava até parte do território brasileiro, bordejando o Pantanal Mato-grossense.

Em virtude dos percalços por que passou a ocupação de área tão ampla, subsistem no Brasil apenas os restos arqueológicos do território missioneiro gaúcho, da maior importância, e, provavelmente, restos de importância relativa, nas antigas regiões do Guairá e do Itatim.

Os primeiros jesuítas chegados à região eram provenientes da Província Jesuítica do Peru e se instalaram no Tucuman, na Argentina, em 1585, dando início aos trabalhos apostólicos. Poucos anos depois, em 1607, o Superior Geral da Companhia de Jesus,

padre Cláudio Aquaviva, reuniu as regiões do Rio de Prata, Tucuman e Chile numa só Província independente, denominada Paraquaria, que teve o padre Diego de Torres Bollo como seu primeiro Provincial. Já no ano seguinte, em 1608, realizou-se a primeira Congregação Provincial em Santiago do Chile, ocasião em que foram discutidas as diretrizes básicas das ações a serem adotadas na nova Província.

Cerca de vinte anos de catequese no Paraguai e em outras regiões haviam demonstrado aos jesuítas quais os obstáculos para a conversão dos gentios e ensinado como superá-los. Passara a fase das "missões ambulantes" em que expedições de religiosos procuravam efetuar a catequese dos índios no seu próprio meio, longe dos conquistadores espanhóis, e de que resultaram poucos fru-

(*) Fernando Machado Leal, arquiteto, coordenou o projeto — em execução desde outubro de 1982, no Rio Grande do Sul — de estabilização e conservação das ruínas da igreja de São Miguel das Missões, que integra o sítio histórico recentemente elevado pela UNESCO a Patrimônio da Humanidade.

tos. Cumpria, ainda, superar a instituição da "encomienda" e o serviço pessoal, que resultava na desagregação da família, má alimentação, maus-tratos, fugas e redução da vida média. E, o que é pior, o "encomendado" ao dar prioridade a seus interesses temporais, em detrimento das obrigações dos índios para com Deus, afastava os gentios da Igreja e da vida espiritual, prejudicando a salvação de suas almas. Eis por que desde 1602 os jesuítas haviam resolvido adotar a catequese estável, através de aldeamentos que tomaram o nome de "reduções", porque "ad ecclesiam et vitam civilem essent reducti". Criadas as primeiras reduções por volta de 1609, quando o padre Marcial de Lorenzana fundou Santo Inácio Guazu, em Assunção, no Paraguai, o sistema se espalhou, sendo fundados vários outros estabelecimentos.

Entre 1615 e 1628, o padre Roque Gonzales de Santa Cruz fundou várias reduções à margem direita do rio Uruguai e, em 1626, transpôs o rio, chantou uma cruz no rio Piratini, celebrando a primeira missa rezada por jesuítas em terras do Rio Grande do Sul. Foi, talvez, o primeiro branco a pisar esta parte do território gaúcho, tendo sido essa a origem da redução de São Nicolau, a qual, por cerca de 10 anos, seguiram-se as fundações de outros estabelecimentos.

Rebelados os índios, em 1628, os padres Roque Gonzales e Afonso Rodrigues foram trucidados no Caaró e, logo depois, o padre Juan del Castillo, no Pirapó.

Vencido o primeiro obstáculo representado pelas revoltas indígenas, a elas se seguiria a dos mamelucos paulistas. Com o aldeamento dos índios, agora já industriados pelos jesuítas na agricultura, na pecuária, nas artes e nos ofícios, passaram a ser cobiçados pelos paulistas que, a partir de 1628, começaram a hostilizar as reduções em busca de escravos destinados às fazendas e engenhos do litoral, chegando mesmo a destruir muitas delas. Só a partir de 1639, quando os jesuítas conseguiram ordem da Corte espanhola para amar os índios com arcabuzes, é que a situação passou a se modificar. Em 1641, na batalha de Mbororé, os mamelucos foram derrotados pelos tapes e, em 1651, os paulistas armados para arrasar as reduções e o Paraguai foram definitivamente vencidos pelas forças missioneiras.

Dessa data em diante, por cerca de um século, floresceu o território missioneiro, quer com a fundação de novas reduções, quer com o desenvolvimento das já existentes. Mas a devastação infligida anteriormente pelos paulistas às reduções do Guaíra e do Itatim fizera com que os índios dessas áreas fossem transferidos, respectivamente, para a região de Misiones, na Argentina, e os atuais estados de Itapua e Misiones, no Paraguai, concentrando as reduções e facilitando sua defesa, e que tanto no Guaíra quanto no Itatim a experiência colonizadora dos inicianos não se renovasse⁽¹⁾.

Hernan Busaniche, ao estudar a evolução da arquitetura nas reduções jesuíticas da Província do Paraguai, nesses dois períodos históricos, distingue três etapas de desenvolvimento.

A primeira etapa corresponde à fase inicial da expansão dos inicianos, quando são fundadas as primeiras reduções em território imenso e a obra dos padres é de natureza provisória. Vai aproximadamente de 1609 a 1635. As edificações são construções precárias, e, por isso, quase não deixaram vestígios. Correspondem ao edificado nos nossos territórios do Guaíra, do Itatim e em parte da região missioneira gaúcha, nos primórdios de sua ocupação.

A segunda etapa — que denomina de "arquitectura misionera con estructura de madera" — vai de 1635 até a expulsão dos padres, em 1767. Diz respeito à época da concentração e consolidação dos povos depois do grande êxodo. Com a relativa estabilidade na vida das missões, as construções iniciais dão lugar a outras, estáveis, de maior amplitude, vez que os povos haviam aumentado muito suas populações. Surgem igrejas espaçosas, de três a cinco naves, que, por suas proporções, guardam certa semelhança com as primitivas basílicas romanas, fabricadas com estrutura autônoma de madeira e grossas paredes de vedação em alvenaria de pedra argamassada com barro, cobertas por telhas de barro sobre armação de madeira. Nas construções de menor porte — colégios, casas dos índios, etc. — com vãos menores, o telhado se apóia diretamente sobre as alvenarias. Dentro do melhor espírito barroco, para impressionar os indígenas, internamente nas igrejas, a caixa da fábrica é enriquecida pela ornamentação dos muros com elementos decorativos; veste-se o vigamento da estrutura de madeira,

procurando-se movimento pela simulação de arcos e abóbadas em madeira empregando-se tábuas de cedro, log pintadas de cores simples. A esta etapa correspondem Santo Inácio Guazu e São Cosme, no Paraguai; as construções em Argentina, com Santo Inácio Mini como exemplar mais característico; São Borja, São João Batista e quase todas as obras no território gaúcho, no Brasil.

A terceira etapa, que corresponde à última época das missões, a de seu maior esplendor, realizada pouco antes da expulsão dos jesuítas, se distingue pela construção de templos e obras de características semelhantes às da Europa, fruto da atuação de arquitetos mais hábeis em meio que já permitia tentar-se a vinculação com a arquitetura metropolitana. Substituiu-se a estrutura autônoma de madeira por paredes portantes de alvenaria e arcadas finamente trabalhadas. Dificuldades construtivas impostas pela falta de cal impedem que o novo sistema seja usado em plenitude pela adoção generalizada de arcos e abóbadas, como o realizado em Córdoba. São exemplos desta fase Trinidad, no Paraguai, e São Miguel, no Brasil⁽²⁾.

Na época do seu maior desenvolvimento, aproximadamente de 1690 a 1750, trinta reduções se estendem e seu sítio definitivo ao longo dos territórios hoje pertencentes ao Paraguai, Argentina e Brasil. O sul do Paraguai e ocupado por oito. As atuais províncias argentinas de Corrientes e Misiones eram ocupadas por quinze. A parte noroeste do Rio Grande do Sul era ocupada por sete reduções ou os Sete Povos das Missões, centro do "Estado jesuítico do Paraguai" ou "Reino teocrático jesuítico-indígena junto ao Paraná e ao Uruguai", a saber: São Francisco de Borja, fundado em 1682; São Nicolau, fundado em 1687; São Luiz Gonzaga, fundado em 1687; São Miguel Arcanjo, fundado em fins de 1687; São Lourenço Mártir, fundado em 1690; São João Batista, fundado em 1697, e Santo Anjo Custódio, fundado em 1706.

Data de 1632 a fundação do aldeamento em Itaiacó, à margem direita do rio Ibicuí, pelos padres Cristóbal Mendoza e Paulo Benevides, origem do Povo de São Miguel das Missões. Hostizada pelos mamelucos de São Paulo, em 1637, toda a população de São Miguel se transportou para a banda ocidental do rio Uruguai, estabelecendo-se nas proximidades de Concepción, e afi-

desenvolveu enormemente.

Em 1686, ao resolverem "remudar quatro povos", entre os quais o de São Miguel, os jesuítas visavam não só facilitar a expansão destes povos como defender a base da economia das reduções, criando linhas de defesa contra eventuais invasões de mamelucos. Precisavam prestar assistência às vacarias — que começavam a ser assoladas pelos próprios espanhóis —, às estâncias fundadas no vale do Uruguai, bem como zelar pelas áreas de exploração intensiva dos ervais de mate, destinados tanto ao consumo dos índios quanto ao florescente comércio de exportação da erva para Buenos Aires. Visando assegurar mútua defesa, as distâncias entre as reduções deveriam permitir que fossem alcançadas em um dia de marcha⁽³⁾.

Coube ao padre Alonso de Castilho, em companhia de outros inicianos, a tarefa de atravessar o rio Uruguai e escolher os sítios em que deveriam ser localizadas as reduções de São Miguel, São Nicolau, São Luiz e São Borja. E, em 1687, estabeleceu-se o Povo de São Miguel no sítio definitivo. São deste último estabelecimento as ruínas que se pretende preservar.

Como se terá dado a fundação da redução de São Miguel e como se terá organizado este Povo, nos seus primórdios?

A única descrição que chegou até nós sobre os procedimentos adotados pelos jesuítas ao fundarem e organizarem uma redução indígena em território gaúcho é a narrativa feita pelo padre Antonio Sepp relativamente à fundação do Povo de São João Batista, em 1697. Certamente, para São Miguel, não foi outro o procedimento. Mas desde os primórdios da atuação dos inicianos que o padre Diego de Torres Bollo havia dado instruções precisas quanto à escolha do sítio, à implantação e ao traçado das reduções, que viriam a se constituir na base do modelo seguido, praticamente, por todos os aldeamentos, conferindo-lhes unidade. O resultado era semelhante ao preconizado pelas "Leyes de Índias", conforme se verifica pela gravura em cobre, de 1755, que representa o Povo de São João.⁽⁴⁾

Como os objetivos primordiais da Companhia eram a doutrina e a catequese, a vida comunitária se desenvolvia em torno deste primado, e as atividades principais se subordinavam e convergiam

para ele. O programa das edificações deveria satisfazer as necessidades de uma comunidade com vida autônoma e organização sócio-econômica quase auto-suficiente, dimensionada para abrigar cerca de 4 mil a 5 mil almas. Quando estas cifras eram atingidas, providenciava-se a fundação de nova redução, o que era de interesse da Coroa espanhola por redundar na progressiva tomada de posse da terra. Não se deve esquecer ainda que as reduções jesuíticas, com seus índios aguerridos sob o comando de caciques industriados pelos jesuítas, se constituíam numa primeira linha de defesa contra os portugueses.

Desse modo, conforme acentuou José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, "sobre um mesmo



*Igreja, torre e pórtico:
épocas diferentes de construção.*

modelo, e apenas com pequenas diferenças, foi traçada a planta dos demais povos ou Missões".⁽⁵⁾

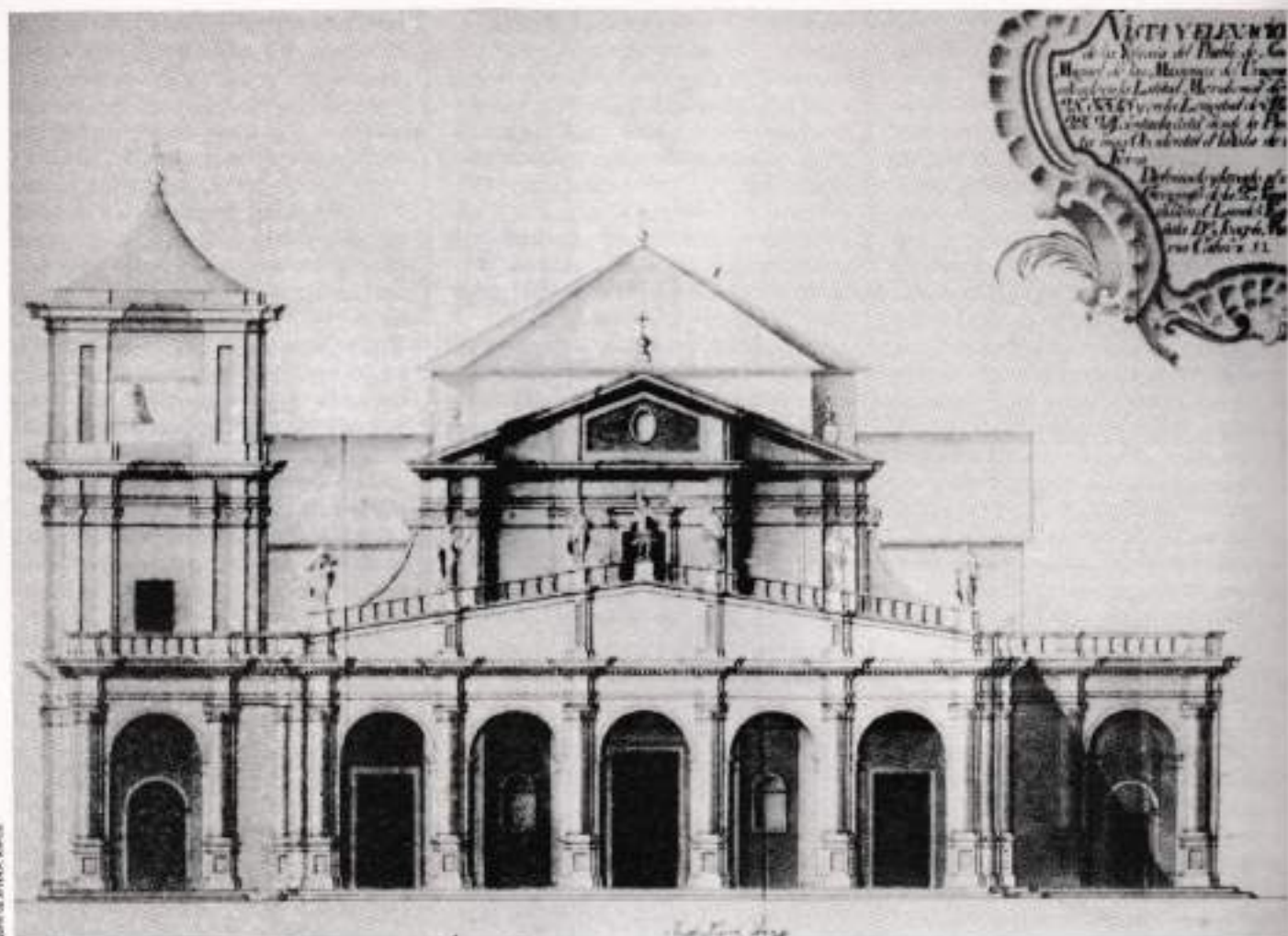
A redução de São Miguel, na época do seu apogeu, foi descrita pelo Visconde de São Leopoldo da seguinte forma, segundo lhe fora relatado por participante da campanha de 1756: "Jaz colocada na chapa de uma colina, quarteada de alguns bosques, entre os quais serpenteiam abundantes mananciais, que por fim vão confundir-se no Rio Jacuípe, distante um quarto de légua; das abas dela se estendem viçosas campinas. Na frente de uma grande praça quadrangular, na qual desembocam nove ruas, vira-se o templo, bem que de paredes de pedra e barro, mas muito grossas, e branqueadas de tabatinga; era voltada para o norte, e nele se entrava por um alpendre de cinco arcos, sustentados

por colunas de pedra branca e vermelha, rematado por uma vistosa balaustrada, e sobre uma gradaria da mesma pedra (da qual são também os frisos, cornijas e figuras), que coroava o frontispício, elevava-se a imagem de São Miguel, e dos lados as dos seis apóstolos; a igreja é de três naves, de trezentos e cinqüenta palmos de comprimento, e cento e vinte de largo, com cinco altares de talha dourada, e excelentes pinturas, e ao entrar na porta principal via-se à direita uma Capela com seu altar, e pia batismal, sendo a bacia de barro vidrado de verde, assentada sobre uma moldura de talha dourada. A torre era também de pedra com seis sinos. Imediata ao lado direito da Capela-mor chegava-se à sacristia, daí seguiam-se os cubículos dos padres, que eram muitos e cômodos; pegava logo um lanço de quartos, que olhavam para um grande pátio, com alpendrada em roda, destinados à escola de ler, de escrever, música vocal e instrumental, dele se comunicava para outro semelhante, formado de várias casas, em uma das quais trabalhavam vinte e quatro teares, e as outras eram oficinas de ourives, entalhadores, pintores, uma grande ferraria, muitos armazéns; e uma casa-forte, que servia de prisão, tudo com admirável ordem; uma espaçosa varanda; sustentada sobre colunas de pedra lavrada de vinte e cinco palmos de alto, olhava para uma horta murada de pedra e barro, com ruas alinhadas, e plantadas de pinheiros, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, pectegueiros, e outras muitas árvores e arbustos, tanto indígenas, como exóticos. Contíguo ficava um recolhimento de viúvas e donzelas, com um só portão, e um pátio no meio"⁽⁶⁾.

As ruínas que se deseja preservar são as da igreja descrita acima e pertencem ao segundo templo construído em São Miguel, conforme se depreende da leitura das ánuas de 1700 e 1708⁽⁷⁾.

A simples observação do conjunto igreja, torre sineira e pórtico tem levado os principais autores brasileiros a pensarem, no todo ou em parte, que se trata de construções levantadas em épocas diferentes, sendo a igreja a de data mais recuada. Estudo recente do arquiteto argentino Ramón Gutierrez trouxe-nos contribuição importante não só para estes assuntos como para outros aspectos da vida pregressa do monumento.

A autoria do risco da igreja e a responsabilidade pela sua construção têm



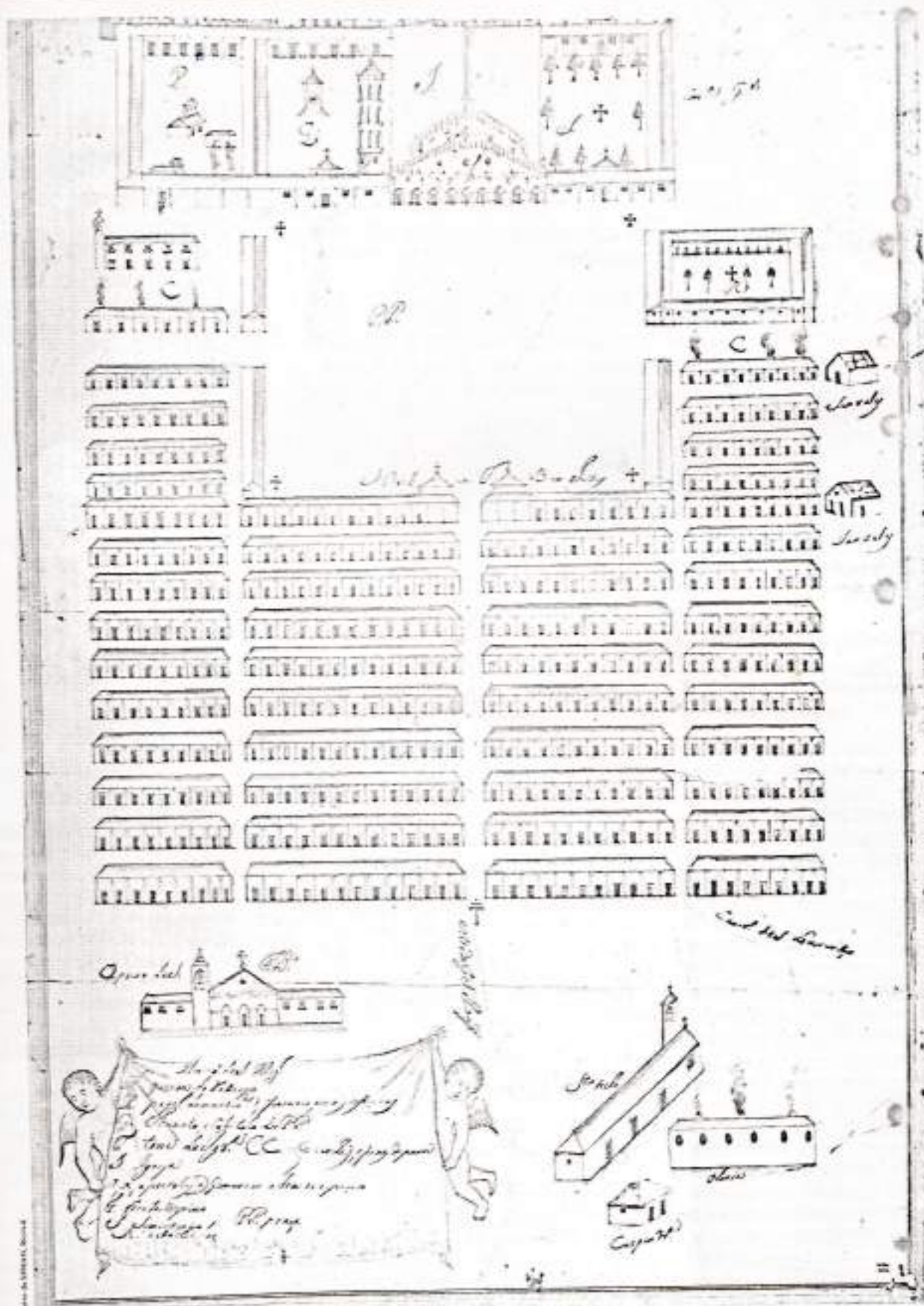
A igreja em 1780, segundo a gravura de Cabrer, única iconografia específica do monumento até hoje localizada.

sido atribuídas pelos diversos autores brasileiros ao arquiteto Gian Battista Primoli, nascido em Milão a 10 de outubro de 1679. A atividade de Primoli como projetista, questionada em parte por Gutierrez, parece-nos provada à saciedade quando o padre Carlos Gervasoni escreveu ao padre Comini a 9 de junho de 1729, dizendo "irmão incomparável, infatigável, ... o arquiteto, o mestre, o pedreiro da obra... que anda sempre ocupado aqui e acolá a ver, examinar, a levantar planos", na transcrição de Lúcio Costa⁽⁸⁾.

Só profissional altamente qualificado, com sólida formação e larga experiência, se atreveria a projetar e construir templo da proporção e do apuro de São Miguel, inovando no sistema construtivo até então adotado naquela região. É desconhecida a atividade de Primoli como arquiteto na Itália, a não

ser que "fue Arquitecto en Roma"⁽⁹⁾. A idade com que ingressou na Companhia de Jesus, 37 anos incompletos em janeiro de 1716, faz pensar que estivesse inteiramente identificado com o que havia de mais recente no último período do barroco italiano, como os prenúncios do surto neoclassicista de meados do século XVIII, após as escavações de Herculano e Pompéia. Primoli chegou a Buenos Aires em 1717, juntamente com outros jesuítas, entre os quais, o arquiteto Andrea Bianchi com quem colaborou em diversas obras. Os anos que passou trabalhando em Buenos Aires e Córdoba até se dirigir para São Miguel, por volta de 1730, devem tê-lo familiarizado com os índios, aprendendo a ensiná-los e a confiar no potencial de suas habilidades manuais. É com este raciocínio que procuramos compreender o fato de na igreja de São Miguel ter-se mudado o sistema construtivo de estrutura autônoma de madeira para o de

paredes portantes de pedra, ainda que na parte referente ao Colégio se tenha mantido a estrutura de madeira com vedação de alvenaria. Numa região em que ainda não se havia descoberto jazidas de calcário, em que a cal praticamente não era empregada por ser obtida a partir da calcinação de caracóis, a elevação de paredes de alvenaria de pedra assentada com barro, sem emprego de material mais ligante que a própria argila do barro, pressupõe cuidados especiais, o que só mão-de-obra de boa qualidade, formada por técnico altamente qualificado, pode explicar. Do mesmo modo, certos detalhes da modinatura revelam esta qualidade, enquanto que os paramentos das paredes dos fundos dos nichos da frontaria, cujas fortes inclinações foram identificadas no levantamento gráfico, demonstram conhecimento e refinamento técnicos capazes de corrigir distorções óticas só encontradas em arquitetura de muito apuro.



Risco de São Miguel: planta elaborada pelos portugueses, por volta de 1756.

Francisco de Ribera – que dirigiu a redução de 1714 a 1747, quando faleceu em São Miguel – foi indicado por Gutiérrez como provável autor do risco da igreja ou como colaborador na sua construção. Mas parece-nos que a Ribera coube papel secundário na construção de São Miguel, de simples colaborador de Primoli durante as ausências deste arquiteto, uma vez que só a hipótese levantada por Gutiérrez indica a participação de Ribera na construção de edificações jesuíticas.

De modo geral, os diversos autores estimam ter sido iniciada a construção do templo por volta de 1735, sendo sua parte substancial terminada em 1744, ou 1747. Entretanto talvez possamos recuar o início das obras para próximo de 1729, caso a carta de Gervasoni faça referência expressa a São Miguel, como parece dar a entender o texto de Lúcio Costa. Seriam assim cerca de 15 a 18 anos para se edificar a igreja, tempo que nos parece razoável para levantar monumento daquelas proporções e com aquele apuro, embora pelo texto de Cardiel se devam considerar dez anos para esta tarefa.

A construção da igreja deve ter sido feita por etapas. Iniciadas pela capela-mor e pelo transepto, as obras devem ter-se estendido até a altura das escadas inseridas nas paredes externas da nave. Daí prosseguiram com ligeiras variantes, uma vez que as paredes externas do lado da epístola e do lado do evangelho apresentam fiadas de pedra cuja continuidade é quebrada na altura das escadas, em linhas que demonstram descontinuidade na construção. Da mesma forma se observam panos de parede claramente marcados por elementos de pedra no paramento externo da parede do lado do evangelho, no trecho apenas que vai do cunhal da sacristia velha até a linha limite de fases construtivas. Até o momento, não encontramos explicação que nos satisfizesse para esta mudança.

A simples observação da planta da igreja demonstra que o risco original sofreu alterações. Dois exemplos: a) o pano de parede parece que delimita a capela-mor atual, sem amarração com as pilastras que outrora marcariam o transepto; b) as paredes internas que compõem os cômodos laterais contíguos à capela-mor, de construção canhestra, também sem amarração com os pilares e pilastras. Uma destas paredes, caída em 1968 e não reconstruída nas obras que

se efetuaram nesta época, teria sido construída posteriormente, em decorrência das vicissitudes por que passou a redução de São Miguel.

Para compreendermos melhor as transformações sofridas pelo monumento, teremos que nos socorrer da escassa iconografia do século XVIII e da documentação escrita, coeva com os acontecimentos que abalaram a redução.

A iconografia, basicamente, se resume no "Risco de São Miguel", elaborado pelos portugueses por volta de 1756, e no levantamento do engenheiro José Maria Cabrer, realizado possivelmente entre 1783 e 1789, única iconografia com referências específicas sobre a igreja, localizada até hoje.⁽¹⁰⁾

O "Risco de São Miguel", no tocante à igreja, apenas demonstra a existência, na data de sua execução, de torre única e do pórtico. Quanto à trama urbana e à implantação de determinados elementos apresenta algumas indagações que só trabalho de arqueologia histórica poderá elucidar, embora os restos existentes e os aflorados já permitam localizar-se, com precisão, algumas partes (adega, refatório, etc.). Já o levantamento de Cabrer nos fornece maiores detalhes no que diz respeito à igreja, e parece de extrema exatidão, a julgar pela representação chanfrada da parte inferior dos pináculos laterais sobre o tímpano, como lá se encontram até hoje.

Em 1750, o Tratado de Limites de Madri procurou fixar novas fronteiras entre as possessões espanholas e a portuguesa. A Colônia do Sacramento, encravada no território espanhol, era trocada pelo território ocupado pelos Sete Povos das Missões, ficando o rio Uruguai como limite natural entre as terras de Portugal e de Espanha. Os índios deveriam abandonar suas terras, carregando apenas seus bens móveis e semoventes, iniciando-se, em 1752, os trabalhos de demarcação. Apesar de o Padre Superior da Província Jesuítica do Paraguai haver recomendado aos sacerdotes dos Sete Povos que exercessem toda sua influência a fim de que a transmigração se desse sem o menor atrito, tal não foi possível. Para tanto, de muito contribuiu o grande apego que os índios tinham aos seus lares, tanto mais que deveriam abandoná-los, atravessando o rio Uruguai para se estabelecerem em zona relativamente povoada, sem contarem com alimentação

nem moradia. Mais forte que a influência dos padres foi o apego ao torrão natal, expresso por Sepe Tiaraju ao dizer "Estas terras são nossas e as recebemos de Deus e São Miguel". Foi então deflagrada a "Guerra dos Sete Povos", que durou de 1754 a 1756, quando os tapes foram massacrados e os índios violentamente enxotados dos seus pagos⁽¹¹⁾.

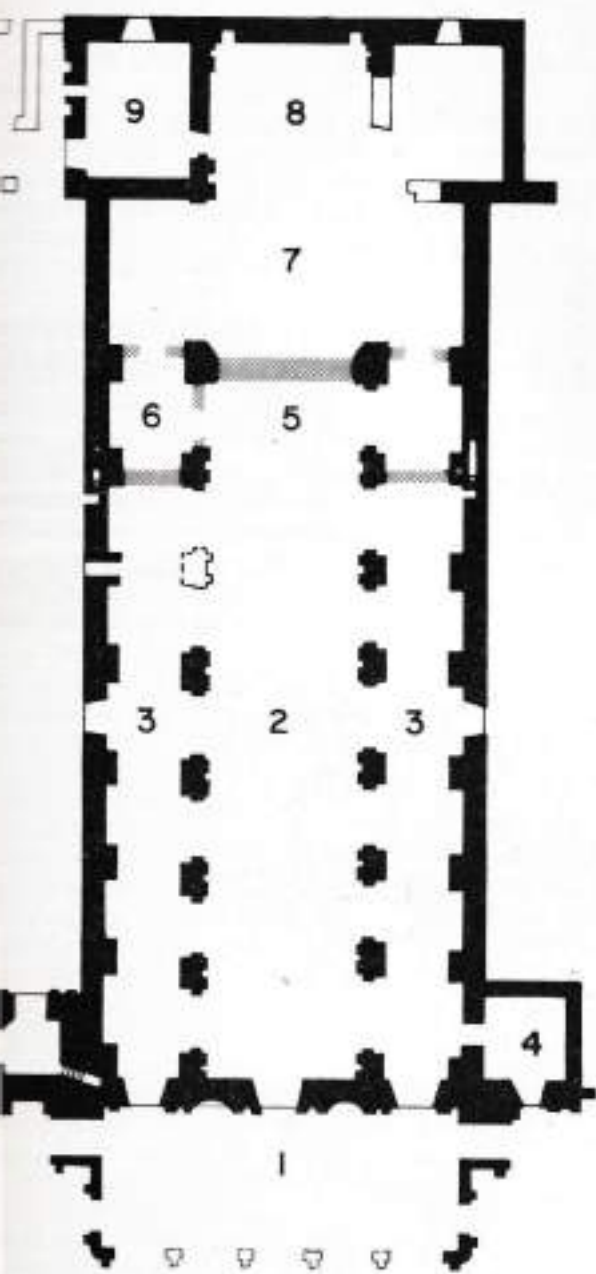
Nessa ocasião, em 1756, os índios revoltados, ao abandonarem a redução, atearam fogo às suas residências e ao Colégio. Chegaram "las tropas, quando ya el fuego habia llegado a la sacristia, logrando preservar el templo, empleando en ello una cuadrilla de trabajadores"⁽¹²⁾. Assim, com exceção da sacristia velha, o templo nada deve ter sofrido na sua parte estrutural.

Em 1761, o Tratado de Santo Ildefonso anulou o Tratado de Madri e o território missioneiro voltou ao domínio espanhol, e um ano depois os índios puderam retornar aos seus lares. Em 1765, Carlos III expediu decreto expulsando os jesuítas dos domínios espanhóis, e, em 1768, os padres foram definitivamente expulsos. Os Sete Povos vieram a ser governados diretamente pela administração colonial espanhola, que passou a explorar os indígenas, decaindo bruscamente – decadência que atingiu também a base militar de sustentação do território. Entretanto, no caso específico de São Miguel, a redução conservou, até fins do século XVIII, vestígios de seu apogeu⁽¹³⁾.

A abóbada de alvenaria com argamassa de cal que cobria a sacristia velha, da qual ainda existem restos, deve ter sido construída entre 1762 e 1768, tanto mais que a cal só foi encontrada na região missioneira em 1756. Além disso em 1768, quando há referência expressa à abóbada no inventário dos bens tomados aos jesuítas, já havia certa experiência desta técnica obtida nas construções das abóbadas dos batistérios de Trindade e Jesus⁽¹⁴⁾.

A 21 de abril de 1789 caiu um raio sobre a igreja provocando incêndio que não pôde ser debelado. O templo ficou, então, praticamente inutilizado para o culto, com a destruição do telhado e de retábulos e portas.

Em 1793, Bartolomé Coronil, administrador do Povo de São Miguel, foi a Buenos Aires a fim de conseguir quem dirigisse as obras de recuperação da igreja, sendo contratado o Mestre Rafael Azcurra. Na qualidade de Mayordomo



Plano da igreja
esta Baixa

paredes sem amarração nas pilastras
paredes parcialmente desmoronadas
pilar desmoronado

1. Pórtico 2. Nave 3. Naves laterais
4. Batistério 5. Capela-mor 6. Sacristia
7. Transepto 8. Capela-mor 9. Sacristia velha

btas, coube a Coronil a aquisição
ramentas e materiais, dentre os
5 mil fanegas de cal, ou cerca
90.300 kg. As obras devem ter-se
do a partir de 1794 e terminado
de 1801, quando da expulsão dos
bóis⁽¹⁵⁾. Nesta época é que deve
do modificada a planta inicial da

igreja pelo encurtamento da nave e a
construção da vedação entre arcos, cria-
do-se dois cômodos laterais anexos à
nova capela-mor, o do lado do evange-
lho funcionando como sacristia, carac-
terizando-se como obras de qualidade
visivelmente inferior às anteriores o que
é explicável tanto pela decadência da

redução quanto por deficiências técni-
cas. Da mesma forma, os reparos decor-
rentes do incêndio poderiam explicar
por que a arcada do lado da epístola
apresenta linha claramente visível, deli-
mitando dois tipos de sistemas constru-
tivos: alvenaria de pedra e alvenaria de
tijolo com argamassa de cal. Pode expli-
car também por que a arcada do lado do
evangelho possui arcos e complementa-
ção superior neste mesmo tipo de alve-
naria de tijolo. É assunto que investiga-
ções posteriores poderão elucidar, fican-
do aqui apenas o registro, tanto mais
que a quantidade de cal adquirida por
Bartolomé Coronil faz supor obra de
certo vulto.

Com relação à cobertura, hoje desa-
parecida, escusamo-nos de especulações,
face aos objetivos do nosso trabalho.
Cabe-nos apenas acrescentar que, à base
de documentação conhecida e de indí-
cios encontrados no próprio monumen-
to, parece-nos não haver mais dúvidas de
que a igreja foi projetada e construída
inicialmente com três naves: a central,
mais alta, e as colaterais, formadas por
capelas intercomunicantes, transepto,
capela-mor e sacristias anexas, e batis-
tério na entrada do templo. Provavel-
mente, possuía abóbadas de berço, em
madeira, cobertas por telhado, nas naves,
e cúpula de madeira em meia laranja,
sobre o transepto, sendo esta, ao que
tudo indica, protegida por telhado de
seis ou oito águas, conforme nos faz
pensar o desenho de Cabrer.

Com relação à torre, defende o pro-
fessor Júlio N.B. de Curtis, que a igreja
foi projetada e construída inicialmente
sem este elemento. A hipótese se justi-
fica pelo "fato de termos encontrado,
no espaço de uma pedra deslocada, no
interior dos muros que se situam entre
a torre e a parede lateral da nave, no
lado do Evangelho, o prolongamento da
elaborada modinatura que, na frontaria,
marca a divisão das duas grandes faixas
horizontais."

"Ora, não nos parece lógico, nem ad-
missível" — continua Curtis — "que se
executassem, em local de vista inacessi-
vel, filetes e dentículos de precioso nível
artesanal como os que lá se encontram.
Seria, em nosso entender, preferível acei-
tar que aqueles elementos de ordenação
arquitetônica tornejassem um suposto
cunhal e fossem 'morrer' nas ilhargas do
monumento"⁽¹⁶⁾. Acrescente-se a esta
argumentação, como indicaram observa-
ções realizadas durante o levantamento

gráfico do monumento, que as paredes da igreja e da torre são apostas uma à outra, o que foi confirmado, já agora no decurso das obras, tanto pelos indícios encontrados na fachada, por trás do pórtico, quanto pela constatação de que os alicerces da torre e da igreja são independentes, sem amarração. Entretanto, a escada inserida no interior da frontaria, que nasce na torre, levanta algumas questões. Por suas dimensões, estreita e com pé-direito variável, chegando em alguns pontos a atingir 4 m, parece-nos construída quando da fabricação da frontaria, pois não é razoável que fosse inserida na parede depois de edificado o maciço. Neste caso, ou o projeto inicial já previa a construção da torre, como era de hábito para as construções missionárias, ou a escada partia inicialmente de algum outro compartimento que não da torre. — É assunto que pesquisas posteriores poderão esclarecer, considerando-se sobretudo as semelhanças entre a modinatura da frontaria e a da torre.

Júlio N.B. de Curtis defende também que a torre do lado da epístola, tal como aparece na reconstituição feita em 1882 pelo pintor J. Judicis de Mirandole, nunca existiu.

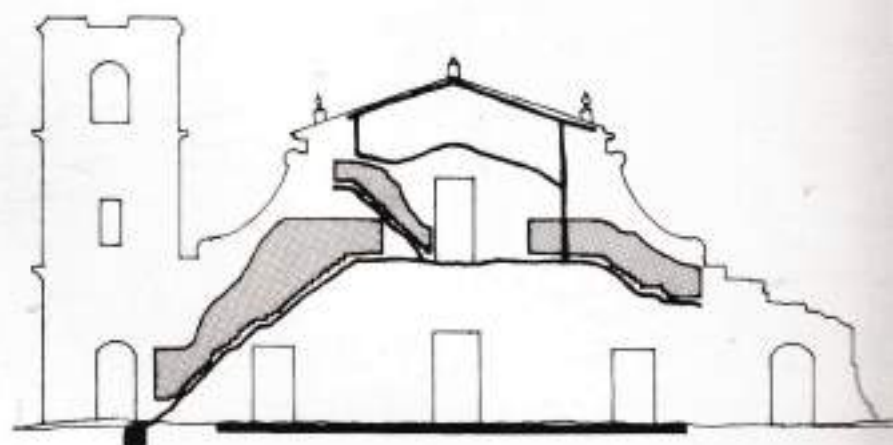
Para tanto, com propriedade, discute a validade de certos pormenores desta reconstituição e, entre outros argumentos, lembra a pouca espessura das paredes do cômodo, bem inferiores às da torre sineira. Eis por que é de opinião que provavelmente este compartimento fosse destinado, desde o início, ao batis-

tério. A hipótese nos parece confirmada tanto pela já citada transcrição do Visconde de São Leopoldo, quanto pelas referências do inventário de 1768 a "un batisterio de techo de tejas en que hay un retablo viejo y pila bautismal de losa verde". Além disso, Azara, em 1784, anotou que o batistério estava na entrada, "a la derecha". Curtis, todavia, não descarta a possibilidade de ter sido "um observatório sobre o qual se imagina tivesse sido construída a torre", admitida por Hemetério V. da Silveira⁽¹⁷⁾.

Com relação ao coro, de vestígios claros sobre a entrada da igreja, Curtis levanta a hipótese de ser elemento aposto ao projeto original. Para ele é evidente "a solução de emergência que traduz a posição deste coro, assim tão canhestramente apoiado, matando, em construção de tanto apuro, os perfis que enquadram

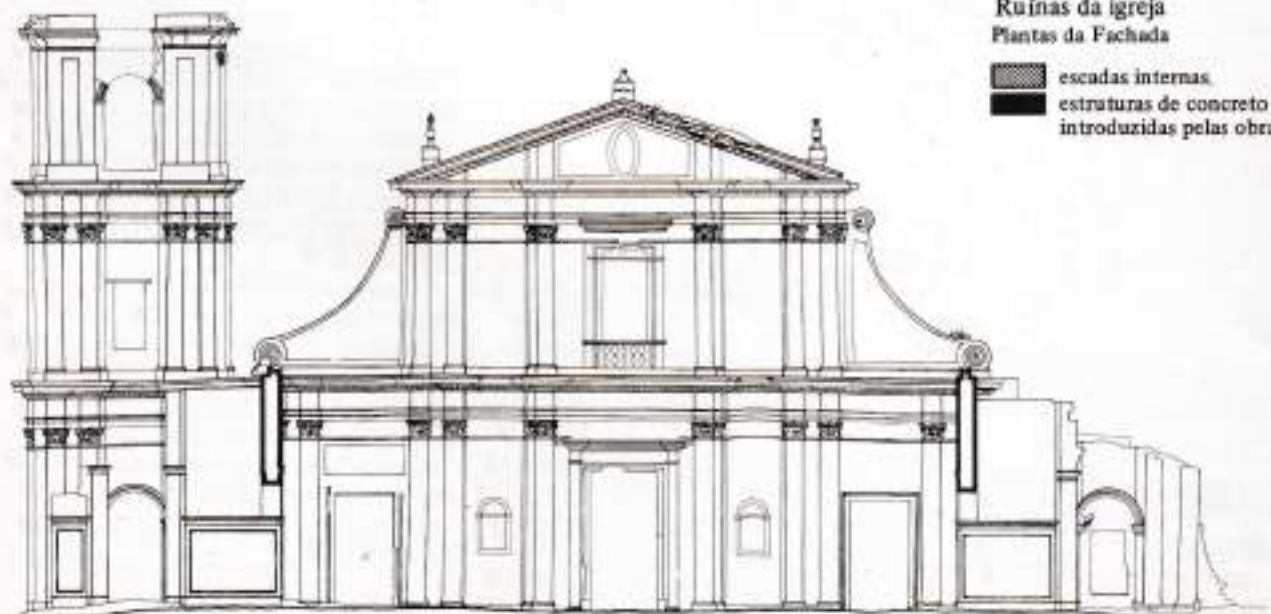
as arcadas ao longo da nave". E, admitindo a hipótese levantada por Mayerhofer, termina: "Nestas condições, se torres, sem coro sobre a entrada e se pórtico no seu projeto original — por pensada com uma cúpula sobre tambor elevado — a Igreja de São Miguel das Missões Orientais do Uruguai representaria uma das melhores interpretações do plano jesuítico romano em terras da América Latina"⁽¹⁸⁾.

Quanto ao pórtico, Lúcio Costa analisou no relatório elaborado em 1933 "... estranhei de ver em construção tanto "estilo" uma fachada assim, com dois frontões, um no corpo da igreja outro, maior, no pórtico, como indica gravura de Demersay — redundância pouco aceitável em composição de arquitetura (...), as paredes do pórtico estão apenas encostadas no corpo principal sem qualquer amarração, morrendo a



Ruínas da igreja
Plantas da Fachada

■ escadas internas
■ estruturas de concreto armado, introduzidas pelas obras de 1968.



encontro aos capitéis, cornijas e arquivadas deste último, de qualquer jeito, tendo sido ele, portanto, construído depois de completamente pronta a fachada da igreja. O mais estranho, porém, é que a sua arquitetura, tanto no conjunto como nos pormenores, revela da parte de quem o projetou e dos que o executaram, conhecimentos seguros de "modinatura" e proporção, senão mesmo muito apuro. Como compreender, então, que artistas assim "informados" incorressem naquela falta e tolerassem os remates grosseiros resultantes da superposição de perfis e motivos diferentes? E ainda para maior estranheza não se vê, em toda a fachada, o menor vestígio de amarração do pórtico, o qual, apoiado sobre o primeiro entablamento, deveria forçosamente cobrir as bases a partir dos fustes da ordem superior das pilastras. Ou teriam sido os trabalhos interrompidos com as lutas (1752) que precederam a expulsão e o definitivo abandono?"⁽¹⁹⁾ Acrescenta-se à observação de Lúcio Costa que as obras em andamento indicaram a existência de entulho entre o pórtico e o monumento.

Quando e por quem teriam sido construídos a torre sineira e o pórtico? Durante o longo tempo em que Francisco de Ribera dirigiu a missão, de 1714 a 1747, teve como colaboradores os padres Diego Palacios (1742-1747), que o sucedeu até 1752, e o espanhol José Grimau (1745), entre outros.

De Diego Palacios, sabe-se que colaborou ativamente na construção do templo e que, entre 1742 e 1752, construiu casas para os índios, devendo ter contactos com Primoli, em São Miguel, durante os anos de 1742 a 1744.

De José Grimau, sabe-se que em 1756 estava encarregado da construção da cúpula de La Trinidad, provavelmente por sua experiência em abóbadas catalãs. Sabe-se também que desenhou a igreja de Jesus, no Paraguai, iniciada em 1758 pelo padre João Antônio de Ribera, sendo, portanto, profissional experiente.⁽²⁰⁾

À luz de nossos limitados conhecimentos, fica a interrogação quanto à efetiva participação de Primoli, Diego Palacios e José Grimau no risco e na construção da torre sineira, cujas características plásticas são em tudo semelhantes às da frontaria. Já com relação ao pórtico, de inspiração visivelmente diversa da frontaria, conforme acentuou



A igreja, em 1846, segundo o viajante francês Demersay.

Lúcio Costa, parece-nos não haver dúvidas de que Primoli nada tenha a ver com o risco e menos ainda com a execução. Estudos futuros poderão esclarecer o assunto.

Em 1801, quarenta portugueses comandados por José Borges do Canto, conseguem derrotar dois mil espanhóis das forças de ocupação, incorporando, definitivamente, os Sete Povos das Missões ao território português.

Se os índios, oprimidos pela Administração Colonial Espanhola, viram a investida dos portugueses como sinal de melhoria em suas vidas — tanto assim que foram inúmeras as adesões dos silvícolas aos invasores portugueses, o que explica, em parte, a vitória de tão reduzido número de homens — tais expectativas não se confirmaram. A nova Administração, agindo em princípio com brandura e equidade, continuou logo depois os desmandos e a opressão, e os Sete Povos das Missões permaneceram em acentuada decadência, como se verifica, sobretudo, pelo decréscimo de sua população. Assim, por exemplo, o Povo de São Miguel, o mais importante dos Sete Povos — que, em 1694, contava 4.592 habitantes; em 1707, 3.100; e, em 1801, 1.900 almas — chega a 1822 com apenas 600 indígenas.

Em 1828, em decorrência da Guerra Cisplatina, D. Frutuoso Ribera dá o golpe de morte nos Sete Povos das Missões Orientais. Após uma campanha vitoriosa, mandou incorporar ao seu exército todos os homens das Missões, formando com suas famílias um grande comboio

que carregaria "mais de sessenta carretas de estátuas, imagens de santos, ornamentos, alfaias e sinos das igrejas", além de "vinte mil reses das estâncias dos Sete Povos e toda a cavalhada que foi possível reunir", retirando-se do território sem ser incomodado pelo exército brasileiro na sua passagem pela fronteira de Alegrete. Estava selada a sorte dos Sete Povos das Missões⁽²¹⁾. A partir desta data, os autores que visitaram ou nos dão notícia de São Miguel são unânimes em testemunhar a decadência da antiga redução, já agora quase totalmente desabitada e em arruinamento acelerado. Das principais observações desses autores ressaltamos alguns tópicos.

Segundo Hemetério J. V. Silveira, as colunas do pórtico, em 1858, "já estavam desaprumadas, não só por causa da vegetação dos parasitas, mas também por causa das escavações subterrâneas em busca dos tesouros dos jesuítas", e "o templo ainda conservava o mesmo aspecto do desenho tirado nove anos antes, pelo viajante Demersay". Vale dizer: a frontaria da igreja apresentava início de deterioração, observando-se falta de elementos de pedra no respaldo do tímpano do pórtico, vegetação invadindo o monumento, além de animais soltos. Por esse autor sabemos que o desabamento do pórtico se deu em 1886, em virtude da queda de um raio, "em noite de pavorosa procela". Nesta ocasião, "ficou a descoberto uma porta pela qual passava-se do coro da igreja para aquele alegre terraço". As estátuas do padroeiro e dos doze apóstolos, localizadas sobre o tímpano do pórtico,

"mesmo antes da conquista brasileira, tinham sido atiradas ao chão e despedaçadas" (22).

Roberto Avé-Lallement nos informa que "no chão da casa de Deus viçava um pequeno bosque, através do qual havia veredas de arco a arco, de pilar a pilar. A torre estava rachada em muitos lugares e as colunas e pilastras angulares estão cobertas de fetos, no solo, ao passo que sobre as cornijas, nas fendas das pedras e nas volutas crescem viçosamente cactos gigantes, uma floresta de criptógamos e até árvores" (23).

O cônego Jean Pierre Gay, vigário de São Borja entre 1850 e 1875, diz que "se excetuarmos o frontispício do templo e alguns pedaços de paredes, nada mais sobra atualmente do dito povo", e que "a torre, bem que inclinada, ela se acha ainda em pé" (24).

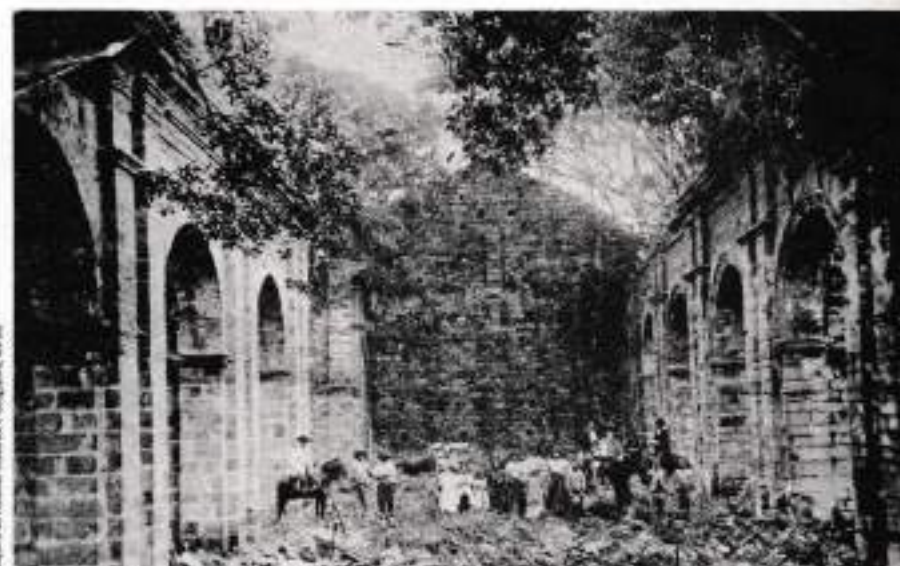
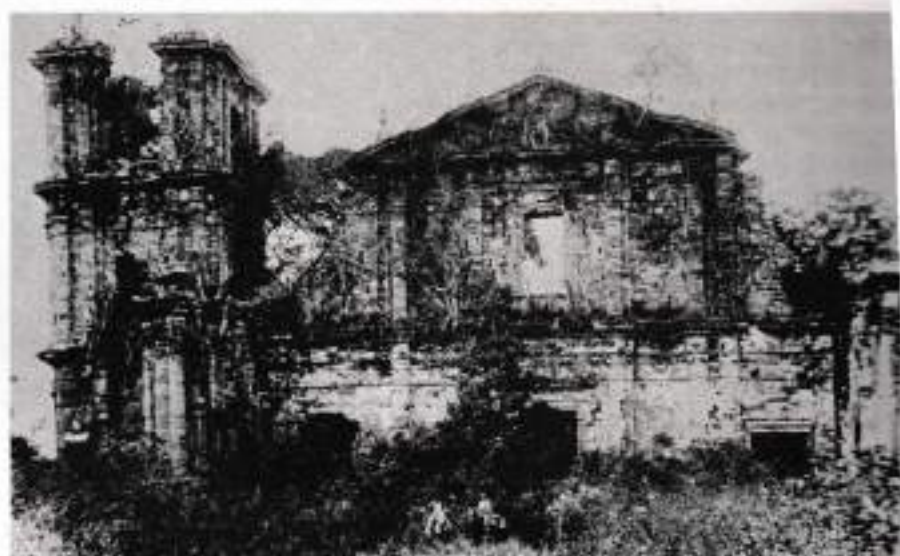
As obras do século XX

Nos dois primeiros decênios do século XX, São Miguel continuou deteriorando conforme se pode ver pela documentação fotográfica da década de 20. Coube ao governo do Estado do Rio Grande do Sul a iniciativa de realizar as primeiras obras de beneficiamento do monumento executadas através da Diretoria de Terras da Secretaria do Estado e Obras Públicas. Realizadas nos anos de 1925 a 1927, as obras foram dirigidas pelo engenheiro João de Abreu Dahne, chefe da Comissão de Terras de Santa Rosa. Além da erradicação da vegetação e de reparos gerais, incluindo a reconstrução e escoramento com trilhos de ferro de parte do pórtico, as obras assim se distribuíram:

1 - fachada principal:

- a) *porta principal* - estabilização da verga pela intromissão de trilhos de ferro e construção de blocos de alvenaria de pedra sobre os trilhos,
- b) *porta do lado do evangelho* - estabilização do maciço com intromissão de vergas de trilhos de ferro e evidente reconstrução da alvenaria sobre eles, na zona de carga do maciço sobre o vão da porta;

O estado da igreja antes das obras de 1925/27: a vegetação, incluindo árvores de porte, toma conta das ruínas.



i) porta do lado da epístola – estabilização da padieira de madeira pela intromissão de trilhos;

ii) janela central ao nível do coro – procedimento idêntico ao da porta principal, de que resultou rebaixamento da padieira;

iii) vãos de porta e janela das escadas – estabilização das vergas pela intromissão de trilhos;

2 – internamente:

arcada – lado da epístola – embrechamento e escoramento com trilhos de ferro nos arcos;

arcada – lado do evangelho – embrechamento e escoramento com trilhos de ferro nos arcos;

3 – torre: foi feita “a amarração da torre existente, com trilhos de aço e vergalhões de ferro”⁽²⁵⁾.

Apesar do esforço do governo rio-grandense, a quem só podemos louvar, quando da inspeção feita pelo arquiteto Lúcio Costa por incumbência do Dr. Rodrigo M. F. de Andrade, o monumento necessitava de obras de vulto. Tanto assim que Lúcio Costa sugeriu as seguintes providências no seu relatório de 1937:

1ª – As ruínas da Igreja de São Miguel, que apresentam grande interesse como conjunto arquitetônico, deveriam ser amparadas de forma a prevenir o seu total desmoronamento.

2ª – Os fragmentos de Arquitetura e as esculturas encontradas nos Sete Povos, bem como os que se poderia descobrir em buscas e escavações, mereciam ser recolhidos ao Povo de São Miguel, num museu a ser construído com material das ruínas, senão nas próprias ruínas devidamente abrigadas⁽²⁶⁾.

A consolidação das ruínas, que se constituíram na primeira grande obra de resinação empreendida pelo antigo SPHAN, e a construção do Museu, cujo risco Lúcio Costa apresentara juntamente com o relatório, foram confiadas ao arquiteto Lucas Mayerhofer, que realizou os serviços entre 1938 e 1940.

Quando as obras se iniciaram, segundo relata L. Mayerhofer, dos pórticos “restavam apenas as colunas e arcadas laterais, muito tombados devido à deficiência das fundações, e ainda assim incompletos. Colunas, arcadas de frente,

frontão e até as pedras de piso haviam sido carregados, à medida que ia se desmoronando o edifício”. A torre, “medindo 23 metros de altura apresentava desaprumo de 1,37 m no cumhal NE e 1,57 m no cumhal SE. Devido a esta deformação, viam-se no corpo da obra enormes fendas, que aumentaram de importância visto que rachara a massa que os pedreiros haviam empregado anteriormente para remendo”. O restante da igreja estava parcialmente tomada por vegetação, apresentando lesões em diversas partes, além de “buracos cavados ao pé dos muros por pessoas buscando ouro ou relíquias da lendária riqueza dos jesuítas”.

Para eliminar as causas das lesões do pórtico e da torre, Lucas Mayerhofer reforçou os alicerces, empregando a técnica da demolição e reconstrução das partes danificadas.

As obras de 1938-40, basicamente, foram as seguintes:

1 – nas partes lesionadas do pórtico e da torre:

a) cadastro e numeração das pedras dos maciços para permitir a demolição e sua posterior reconstrução;

b) demolição dos maciços, sendo que para a torre “a demolição da parte afetada foi feita sem prejudicar a outra, apesar de estarem ambas amarradas por trilhos e cabos de aço, o que prova que esses tirantes não prestaram serviço algum”;

c) escavações para exame das fundações, seguidas de demolição, tendo-se constatado que os alicerces do pórtico “consistiam num aglomerado de pedras roliças, sem a menor amarração; o espaço entre elas era cheio com barro grosseiro. As formigas tinham aberto nesse barro enormes buracos. Além disso as fundações ocupavam um lugar pouco maior que a espessura das paredes. Quanto a sua profundidade, teria sido suficiente, se bem executada, a alvenaria, pois o terreno é firme”. As mesmas condições foram encontradas na torre;

d) reconstrução dos alicerces. Para o pórtico, depois de estender diretamente sobre o solo “uma camada de concreto no traço 1:3:4”, foram levantados os alicerces em “concreto ciclópico, no traço 1:4:7 + pedra de mão, armados na parte inferior com trilhos de ferro, aproveitados então

aqueles que serviam ao escoramento, e colocados cada 0,20m”. Para a torre, os novos alicerces foram realizados segundo cálculo de concreto armado da firma Silvio Reis e Adalberto Nogueira;

e) reconstrução das duas alas do pórtico e da parte demolida da torre, sobre os novos alicerces. Para a torre, “na altura da primeira e segunda cimalthas fizemos cinta de concreto armado para cada bloco, com 0,25 m de altura, escondidas pelos paramentos. Cobrimos igualmente de concreto armado a superfície da torre antes de aí assentarmos novamente as pedras e as calhas que encontramos, tapando as juntas com massa de cimento e areia, para impedir a infiltração das chuvas”. Na reconstrução da torre, além das gárgulas, encontradas em três ângulos, foi montada uma quarta gárgula desenterrada ao seu pé.

2 – no corpo da igreja:

a) retirada de troncos e raízes, fechamento de fendas para impedir a infiltração da água e substituição indispensável de algumas pedras.

b) “aterro em toda a extensão dos muros, para que a água não venha mais a se estagnar ao longo deles”;

c) drenagem da nave pela construção de “um canal coberto para escoamento das águas de chuva”, sendo aterradas “as bacias e buracos existentes ao longo da nave e colaterais”, com os devidos caimentos.⁽²⁷⁾

A 15 de setembro de 1954 têm início novas obras de beneficiamento do monumento, sob a responsabilidade do arquiteto Maurício Dias da Silva, que duraram até março de 1955, aproximadamente⁽²⁸⁾. Basicamente, estas obras consistiram de:

a) limpeza das paredes das ruínas e roçado no interior da igreja;

b) raspagem do entulho para se chegar ao nível primitivo do piso da nave;

c) recomposição e limpeza do dreno existente no interior das ruínas;

d) recomposição de arco de descarga de um vão de janela e de pequenos trechos do maciço;

e) construção e instalação de Museu no interior das ruínas da igreja, com o aproveitamento de parte da parede externa do lado do evangelho, empre-



Arquivo do SPMAS, Brasília



Nas fotos desta página, o estado das ruínas da igreja, no final da década de 30, antes, durante e depois das obras de Lucas Mayerhofer, em 38/40. A torre, antes dos trabalhos de correção do desaprumo (no alto) e depois (acima). Ao lado, o interior das ruínas, ainda tomadas pela vegetação, durante as obras de Mayerhofer.

do-se cobertura metálica sobre
estrutura metálica e vedação com
quadrias de ferro com panos de
tela.

Em 1966, a 29 de novembro, o arqui-
teto N. B. de Curtis, em carta diri-
gida ao Dr. Rodrigo M. F. de Andrade,
relata a inspeção realizada nas ruínas
tranquilizando-o quanto ao peque-
no abalo no antigo batistério.
No entanto, chama a atenção do Diretor
de SPHAN para outros trechos
de ruínas que se encontravam em "si-
tução bem mais grave". Era particular-
mente preocupante o estado da frontaria
desaprumo acentuado, sobre-
tudo na parte do maciço acima da cimbalha
que "não possui amarração com
cordões da nave; razão por que o desa-
prumo aí é maior". Empregando o prumo
no centro do frontão, aproximada-
mente a 17 m de altura, constatou-se,
do lado externo, um desaprumo de
1,5 m com relação à base, e pelo lado
interno, na cota de 10 m — pouco acima
do nível do coro — "o maciço influiu
para frente 22 cm" (29).

Na carta, com a análise feita por
ele das causas do desaprumo — recal-
das fundações, a principal — e o
sugerido — procedimento idên-
tico empregado por Lucas Mayerho-
ff para a estabilização da torre —, provo-
cou a realização das obras de 1967-70.
O exame da documentação anterior
e o início dos novos serviços revela pre-
ocupação tanto em relação ao escoramen-
to da frontaria quanto ao reforço das
colunas e rejuntamento dos maciços.
Mostra ainda que o partido inicial
referido pelo calculista Joaquim
Cardozo teria sido o "de inserir nessa
estrutura uma estrutura de concreto arma-
do em condições consideradas inviáveis
para o arquiteto Luiz Saia, Chefe do
4º Distrito da SPHAN, em virtude da
complexidade do sistema construtivo dos
restos. Daí a sugestão de Saia para que
se empregasse a técnica de "pose et de-
pose", executada paulatinamente, com
cuidados, a fim de introduzir a
estrutura de concreto armado com a
deformação estática do processo a ser
realizada por Joaquim Cardozo, o que foi
feito" (30).

As novas obras, iniciadas em fins de
1967, estendendo-se até o começo de
1970, foram as seguintes:

a) consolidação da "estrutura das pare-
des da igreja, especialmente da parede



As ruínas da igreja, em 1954: a fachada, vista do museu.

da fachada principal, com a inserção
de elementos de concreto armado no
miolo das mesmas (opus incertum)",
e recomposição do "paramento anter-
ior de cantaria";

- b) adaptação do cômodo destinado à
antiga sacristia para Museu, cons-
truindo-se telhado "com arcos lami-
nados de mesmo desenho que defini-
ria a abóbada de alvenaria aí existen-
te e cujos restos, nos rins, foram
conservados. A cobertura desta parte
aproveitou as folhas de liga de alumí-
nio antes utilizadas no compartimen-
to que foi há tempos construído na
galeria, sob os arcos. O forro de ma-
deira, as envasaduras de madeira e
vidro e o piso de lajotas de cerâmica
de mesmo modelo que as encontra-
das no local, essas são as soluções de
remate para esta nova unidade mu-
seológica...";
- c) demolição do Museu, construído em
1954-55, e transferência das peças
para o Museu novo;
- d) renovação de "todo o sistema de
dreno, cuja obstrução foi responsá-
vel, em grande parte, pelas mudanças
locais no lençol freático, mudanças
essas que devem ter contribuído para
que a base das paredes cedesse em
alguns pontos";
- e) recomposição de trechos de maciços
desmoronados, com o aproveitamen-
to das pedras caídas e dos seus para-
mentos, em especial o da frontaria,
pelo preenchimento de vazios ou
substituição de pedras arruinadas,
além da fixação por grampo de ferro

de pedras da cimbalha de arremate do
tímpano;

- f) "impermeabilização do remate das
ruínas", através de capeamento em
concreto, procurando-se impedir "a
infiltração de água pela parte supe-
rior das mesmas, o que permitia que
a água infiltrada carresse a argila que
argamassava o opus incertum do mio-
lo dessas paredes", causa principal do
esborramento da cantaria;
- g) realização de escavações "tanto na
área da igreja, previstas já no relató-
rio de Lúcio Costa", quanto no res-
tante das ruínas. "Com isso foram
postos à mostra, com desenho perfei-
to e com 'restos' de paredes que em
certos pontos atingem 70 cm, pisos
completos de cerâmica no interior
dos compartimentos de toda a área
que completava a construção princi-
pal, num total de dois hectares. As
bases das colunas, que cercavam essa
parte da construção, estavam pratican-
te todas nos respectivos locais,
muitas delas com o fuste das colunas
caídas ao lado. Certamente, ao ruir o
telhado, o próprio entulho serviu
como proteção destas peças agora
recolocadas — quando os indícios
ofereciam certeza — na posição pri-
mitiva. O mesmo ocorreu com algu-
mas moradias dos índios, cuja defini-
ção no terreno é agora perfeitamente
visível". Concluídas as escavações,
nos pontos onde foram encontrados
"restos" de piso ou de cerâmica ou
de pedra, realizou-se apenas trabalho
de limpeza; o terreno restante está
sendo revestido de grama. "Este últi-